

# **MATO GROSSO DO SUL – UM PANORAMA DA ATUACAO DO TRADUTOR/INTERPRETE DE LIBRAS**

Camila de Araújo Cabral Romeiro (UFGD/UFMS)

Karla Alexandra Benites Florenciano (UFGD)

## **RESUMO**

Há pouco mais de duas décadas Mato Grosso do Sul procura atender as necessidades educacionais específicas da pessoa surda, considerando a visão antropológica, de que a pessoa surda é não apenas aquele que tem a falta da audição, mas acima de tudo quem possui uma identidade, cultura, história e língua própria com características visual e motora diferentes da língua oral. É notório o avanço da educação, acessibilidade e qualidade de ensino o início nos anos 60, aonde surdos vindos do Rio de Janeiro e que estudaram no INES se encontravam na capital, e atualmente, com todos os surdos matriculados em escolas Estaduais sendo atendidos por Intérpretes de Libras e profissionais para atendimento educacional especializado (AEE). A comunidade surda logrou várias conquistas no Estado, como o Centro de Apoio Especializado (CAS), pois este oferece curso de Libras e de Língua portuguesa como segunda língua, como também viabiliza a formação de intérprete e de guia-intérprete, promove o atendimento específico dos alunos surdos, surdos cegos e índios-surdos que estão matriculados no ensino regular, produz material didático bilíngue que serve de apoio para o atendimento e oferece curso de Libras para estudantes, professores e comunidade em geral que é ministrado por instrutores surdos, em parceria com 51 municípios do Estado. Nesse contexto é importante refletir sobre a de formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais, considerando a importância desse profissional para o processo de escolarização do aluno surdo. Além dos impasses relacionados à educação inclusiva de surdos na classe regular de ensino que todo o país enfrenta atualmente, Mato Grosso do Sul possui características regionais peculiares, como aldeias indígenas com alunos surdos (há intérpretes de Libras), cidades em região de fronteira que fazem divisa com o Paraguai e Bolívia, onde alunos surdos estudam no Brasil e moram no país vizinho, trazendo desafios como lidar com a interculturalidade cultural e linguística, considerando que esses alunos tem contato com a língua guarani e espanhol em casa (além dos gestos caseiros) e Língua de sinais paraguaia (utilizada com seus pares) e ainda precisam aprender a língua portuguesa e Libras utilizadas nas escolas no Brasil. Esses são desafios diários de professores e interpretes de libras, que

precisam de desenvoltura e criatividade para atuar com todas essas especificidades. Durante este trabalho observou-se que apesar de haver alguns cursos de Libras e capacitações para Interpretação em instituições públicas e privadas, ainda não há nada voltado para as necessidades diárias dos interpretes considerando o contexto regional e cultural. Entende-se então que o Estado avançou muito no ensino de alunos surdos e tem procurado garantir o direito do surdo de contar com o interprete, e que há o interesse de formação e capacitação desse profissional, porém ainda há questões no campo da atuação do intérprete que precisam ser observadas e contempladas para garantir que o aluno surdo tenha acesso à educação de qualidade em Mato Grosso do Sul.

## **Introdução**

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o contexto de atuação dos tradutores/intérpretes de língua de sinais no Estado de Mato Grosso do Sul, considerando a importância desse profissional para o processo de escolarização do aluno surdo. Além dos impasses relacionados à educação inclusiva de surdos na classe regular de ensino que todo o país enfrenta atualmente, Mato Grosso do Sul possui características regionais peculiares, como aldeias indígenas com alunos surdos (há intérpretes de Libras), cidades em região de fronteira que fazem divisa com o Paraguai e Bolívia, onde alunos surdos estudam no Brasil e moram no país vizinho, trazendo desafios como lidar com a interculturalidade cultural e linguística. Para a realização desta pesquisa, optou-se pela análise qualitativa documental de revisões bibliográficas e de questionários. A revisão bibliográfica foi realizada utilizando-se de livros e artigos de autores do Estado que se dedicam à pesquisa sobre a causa das pessoas surdas, sendo que um dos autores principais (Vilhalva, 2008) é surda. Os documentos foram selecionados considerando as seguintes palavras chaves: libras MS; Tradutores Intérpretes MS e surdos MS. Selecionados os textos fez-se leitura minuciosa e em seguida anotações relevantes. Quanto aos questionários foram respondidos por dez intérpretes de diferentes cidades que atuam em escolas estaduais do MS. Além disso observou-se quatro questionários respondidos por professores que atuam com alunos surdos em salas regulares com o auxílio do tradutor interprete de libras. As perguntas para os TILS foram: 1 – Qual foi sua motivação para aprender libras? Onde isso aconteceu? 2 – Atua como TILS a quanto tempo? Quando começou? 3 - qual é sua formação? 4 – em qual nível de ensino atua? 5 – qual cargo e função exerce na escola? 6 – considera sua remuneração mensal adequada á função? 7 – Considera sua formação adequada e suficiente? 8 – Com que frequência recebe capacitações? 9 – quais os principais desafios enfrentados ao exercer a função de TILS? Para os professores

foi aplicado o seguinte questionário: 1 – a quanto tempo atua com alunos surdos em sala regular de ensino? 2 – Qual é o papel do TILS na sala de aula? 3 - Em sua formação básica de licenciatura havia alguma capacitação para atuar com alunos surdos? 4 – considera-se capacitado para atuar com tais alunos? 5 – já participou de cursos ou capacitações durante a atuação como professor? 6 – Quais os principais dificuldades que você encontra para trabalhar com alunos surdos?

## **Resultado**

Em resultado as respostas aos questionário aplicados para os 10 tradutores/Interpretes, 3 responderam que o que os motivou a aprender a língua de sinais foi o contato anterior com a educação especial e posteriormente o contato com os surdos, 6 responderam que o desejo de contribuir para a qualidade de vida das pessoas surdas e interagir, apenas uma pessoa disse que aprendeu a libras por ter um parente surdo e por isso aprendeu a língua com a família. Todos os outros interpretes aprenderam a libras em cursos oferecidos pelo Centro de Apoio ao Surdo (CAS). 6 (Seis) pessoas atuam como interprete a menos de 5 (cinco) anos, 3 (três) pessoas atuam a menos de 2 (dois) anos e 1 (uma) pessoa apenas trabalha a mais de 5 (cinco) anos. 7 (sete) dos questionados possuem apenas o Ensino Médio e apenas 3 (três) o Nível Superior, sendo que destes três somente 1 (um) possui licenciatura em Letras-Libras (o curso foi oferecido pela primeira vez no Estado em 2009 em modalidade semipresencial). Além disso apenas 3 (três) interpretes realizaram e possuem a certificação de proficiência (Prolibras). 5 (cinco) dos interpretes atendem alunos surdos no Ensino Fundamental e a outra metade no Ensino Médio. 8 (oito) desses profissionais relataram que como função recebem o nome de “Professor convocado” e apenas dois de “Tradutor Interprete de Libras”. Quanto a capacitação todos relataram não haver, com exceção da capital, Campo Grande. Os principais desafios relatados foram: 1 – falta de capacitação; 2 – remuneração baixa; 3 – contratos de trabalho muito curtos (o contrato é refeito a cada seis meses); 4 – falta de compreensão por parte do professor quanto ao papel do interprete de libras. Os quatro professores questionados relataram que atuam por volta de cinco anos com alunos surdos e apenas um considera-se capacitado para atuar com o surdo por ter feito cursos de libras. Os professores também comentaram que não há cursos de capacitação continuada para os que trabalham em salas inclusivas. As principais dificuldades para trabalhar com alunos surdos foram: 1 - dificuldade de comunicação; 2 – dificuldade para ensinar a língua portuguesa; 3 – falta de entrosamento com o profissional interprete; 4 – falta de tempo para adequar as atividades.

## **Discussão**

O avanço da educação, acessibilidade e qualidade de ensino em Mato Grosso do Sul teve início nos anos 60, aonde surdos vindos do Rio de Janeiro e que estudaram no INES se encontravam na capital, e atualmente, com todos os surdos matriculados em escolas Estaduais sendo atendidos por Intérpretes de Libras e profissionais para atendimento educacional especializado (AEE). A comunidade surda logrou várias conquistas desde então, apesar disso ainda há o que melhorar e progredir neste sentido. Discutiremos aqui as respostas as questões aplicadas a dez interpretes de libras que atuam em diversas cidades do Estado e quatro professores de sala regular que atendem alunos surdos. Primeiramente o que chamou atenção foi o fato que no estado de Mato Grosso do Sul não há concurso para Intérprete de Libras na rede estadual e também na rede municipal, apenas no ano passado foi realizado em todo o estado o primeiro concurso para TILS para Universidade Federal (UFMS) e Instituto Federal (IFMS). Também há poucas associações de surdos no estado (foram localizadas apenas três), o que nos faz entender que além da necessidade da formalização e reconhecimento da profissão dentro da educação no Estado, também há a necessidade urgente de os surdos se unirem a favor de seus direitos e da própria interação como comunidade, tal como iniciado na década de 90 onde a língua de sinais em Mato Grosso do Sul passa a ser reconhecida oficialmente como meio de comunicação da comunidade surda em 1996 (ALBRES 2005), com esta conquista a necessidade da presença do tradutor e intérprete de língua de sinais passa a ser encarada, como algo vital para promover a acessibilidade da comunidade surda. Conforme ALBRES (2005) com a língua de sinais já instituída, em 1995 em Campo Grande, teve início a implantação do projeto elaborado pela equipe técnica do CEADA, com o objetivo de “garantir a presença de intérpretes de Libras para os alunos surdos em escolas do ensino comum.” Sem dúvidas, este foi um marco histórico muito significativo para o desenvolvimento e fortalecimento do povo surdo e de sua língua materna, pois, estes passaram a ter maior acesso as informações atuais da sociedade. Atualmente o CEADA, continua atuando na educação de alunos surdos, porém com o decorrer do tempo outros centros, também foram sendo criados, como por exemplo o CAS Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento as Pessoas com surdez. Mesmo diante de tais avanços, com esta pesquisa percebemos que os professores ainda não entendem exatamente qual é a função do Intérprete dentro de sala de aula, o que além de causar constrangimentos para ambos, conforme comentado por 80% do interpretes, também influencia no bom andamento das aulas e na execução das funções do professor e intérprete. Além disso todos os professores relataram sentir dificuldade de comunicação com os alunos surdos, embora dois deles tivessem tido a disciplina de Libras em sua formação para o magistério. A questão das

idades de fronteira também é muito relevante, pois surge mais uma dificuldade, conforme um professor relatou muitos alunos surdos que estudam no Brasil moram na cidade vizinha, no Paraguai, e veem de lá sem conhecimento linguístico da língua portuguesa e alguns também sem o conhecimento da Libras, usando apenas ou gestos caseiros ou a língua de sinais do Paraguai. Essa com certeza é uma questão muito peculiar do Estado, visto que há seis cidades-gêmeas (são cidades cortadas pela linha de fronteira, terrestre ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura) na fronteira com o Paraguai e com a Bolívia, conforme portaria do Ministério da Integração Nacional publicada no Diário Oficial da União. Os intérpretes também precisam lidar com essa multiculturalidade cultural e linguística, porém conforme veremos nem sempre estão preparados. Outra questão relacionada ao Estado é a existência de alunos surdos em escolas rurais (fazendas e assentamentos) e em aldeias indígenas, como a aldeia Bororó, localizada na cidade de Dourados, 300 quilômetros da capital Campo Grande. Os TILS responderam que entre as dificuldades está a ausência de capacitação continuada que os atualize e oriente a lidar com as características da região. Neste aspecto chamou a atenção o fato de que apenas 30% dos entrevistados possuem a proficiência em libras (PROLIBRAS) conferida pelo ministério da educação, e menos de 1% dos entrevistados possui formação específica em Libras (Letras-libras). Ou seja, atuam apenas com a certificação do Centro de Apoio ao Surdo (CAS), que conforme já comentado é preciso que seja refeita anualmente. Soma-se a isso o fato de que 70% dos intérpretes não possuem formação superior, atuando apenas com a certificação do CAS e certificado de conclusão do Ensino Médio. Além disso 60% dos entrevistados atua como interprete a menos de 5 anos, 30% a menos de 2 anos e 10% somente a mais de 5 anos. Relacionado esses dados com a falta de capacitação continuada comentada pelos próprios profissionais, entende-se que há falta de experiência e preparação para atuar na função, o que pode ser refletido tanto na qualidade da interpretação quanto no aprendizado do aluno surdo. 90% do intérpretes relataram que a remuneração é muito baixa na rede Estadual e bem mais baixo ainda quando se fala da rede municipal de ensino. Isso é preocupante, pois há também a questão comentada inicialmente de não haver por enquanto nenhuma discussão ou pretensão de realizar concursos públicos para essa função, o que pode gerar desânimo e falta de incentivo para o profissional, também gerado consequências negativas em sua atuação. Quanto a formação todos admitiram ser necessário aprofundar conhecimentos em relação ao surdo e a língua de sinais, embora nem todos tenham dito que para isso preciso formação superior. Os professores questionados tem 5 anos ou menos de atuação em sala regular de ensino inclusiva, sendo que apenas um afirmou estar capacitado para atender alunos surdos (possui curso de libras). Sabe-se que o despreparo por parte do professor para atender alunos surdos gera problemas em sala de aula, pois as aulas não serão adequadas às necessidades e a maneira visual do aluno aprender, assim como seria adaptada caso a turma tivesse

alguma necessidade específica. Sobre isso Oliveira (2008, p.129) afirma que “a construção de sistemas educacionais inclusivos, como a inclusão do aluno surdo no ensino regular, exige mudanças substanciais no interior das escolas, pressupõe um movimento intenso de transformação da escola e de suas práticas pedagógicas”. Exatamente por isso os professores relataram dificuldade em atendê-los de maneira eficaz, de perceber se os alunos realmente estão compreendendo a matéria e a própria dificuldade de comunicação. Conforme Groppo (2011): “O desconhecimento e dificuldades dos docentes em aprender a língua de sinais, podem sugerir atitudes discriminatórias de uma maioria linguística.” Levando-se em consideração os aspectos analisados percebe-se que o Estado de Mato Grosso do Sul passou por grandes avanços o que tange a educação de surdos, desde a disseminação da língua de sinais até o cumprimento do direito do atendimento com o profissional interprete de libras. As necessidades que agora são imperativas, como a capacitação dos interpretes e professores são consequências do cumprimento de leis e direitos e apesar de haver falhas há a característica positiva do Estado, a efetivação da inclusão. Entende-se que é necessário melhorar a qualidade tanto da formação dos profissionais que trabalharão com os alunos surdos, assim como fornecer melhores condições de trabalho para impulsionar o crescimento da educação de surdos com garantia do acesso a educação de qualidade. Assim, espera-se que esta pesquisa tenha contribuído para a análise e reflexão da educação de surdos e tenha fornecido uma visão panorâmica da atuação do Tradutor/interprete de libras no Estado de Mato Grosso do Sul.

### **Referências bibliográficas**

ALBRES, Neiva de Aquino. História da Língua Brasileira de Sinais em Campo Grande – MS. << [www.editora-arara-azul.com.br](http://www.editora-arara-azul.com.br)>>Acessado em julho de 2014.

ARANHA, M. S. F. Inclusão social e municipalização. In: MANZINI, E. J. Educação especial: temas atuais. Marília, SP: UNESP, 2000, p. 01-09.

BRASIL, O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa/ Secretaria de Educação Especial; Brasília: Mec;SEESP, 2007.2 ed.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Necessidades Educativas Especiais – NEE In: Conferência Mundial sobre NEE: Acesso em: Qualidade – UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO 1994.

DORSA, Emilia Sbrocco (2014), “SED inaugura hoje Central de Interpretação de Libras (CIL)”, 10 de junho de 2014. Pagina consultada 13 de agosto de 2014

<[http://www.sed.ms.gov.br/index.php?templat=vis&site=98&id\\_comp=213&id\\_reg=243471&voltar=home&site\\_reg=98&id\\_comp\\_orig=213](http://www.sed.ms.gov.br/index.php?templat=vis&site=98&id_comp=213&id_reg=243471&voltar=home&site_reg=98&id_comp_orig=213)>

GOMES, Vera Lúcia. As Políticas Públicas da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva da Rede Estadual de Ensino do Estado de Mato Grosso do Sul. artigo apresentado no VI Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial- VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Londrina, de 08 a 10 novembro de 2011. issn 2175-960x – pg. 3828-3836. atualizado em 06 de agosto de 2013.

OLIVEIRA, A. A. S. Adequações Curriculares na Área da Deficiência Intelectual: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, A. A. S.; OMOTE, S.; GIROTO, C.R. M. (Orgs.) Inclusão Escolar: As Contribuições da educação Especial. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, Marília: Fundepe Editora,2008.

PERLIN, Gladis e STROBEL, Karin. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura e Bacharelado em Letras/Língua Brasileira de Sinais. Disciplina: Fundamentos da Educação dos surdos. Florianópolis, 2008.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial. Intérpretes educacionais de Libras: orientações para a prática profissional / Org. João Paulo Ampessan, Juliana Sousa Pereira Guimarães e Marcos Luchi -- Florianópolis: DIOESC, 2013.

STROBEL, K. L. & DIAS, S. M. S (Org.). **Surdez**: abordagem geral. Curitiba: APTA, 1995.

VILHALVA, Shirley. Kinikinau: Valorizando a história e a Pedagogia de um povo. In: [www.editora.araraazul.com.br](http://www.editora.araraazul.com.br)[http://www.educar.ms.gov.br/index.php?templat=vis&site=98&id\\_comp=213&id\\_reg=9417&voltar=home&site\\_reg=98&id\\_comp\\_orig=213](http://www.educar.ms.gov.br/index.php?templat=vis&site=98&id_comp=213&id_reg=9417&voltar=home&site_reg=98&id_comp_orig=213) acessado em 13 de julho de 2014.

\_\_\_ Histórico da Libras de Mato Grosso do Sul [http://www.feneis.com.br/Libras/anexos/lib27/05/2007ras\\_ms.html](http://www.feneis.com.br/Libras/anexos/lib27/05/2007ras_ms.html) visitado em 06 de junho de 2014.